

IDENTIDADE DE GÊNERO SOCIAL E IDENTIDADE DE GÊNERO ERÓTICO-SEXUAL: O CORPO QUE INTERAGE

Sara Laham Sonetti¹

SOCIAL GENDER IDENTITY AND EROTIC-SEXUAL GENDER IDENTITY:
THE BODY THAT INTERACTS

IDENTIDAD DE GÉNERO SOCIAL E IDENTIDAD DE GÉNERO ERÓTICO-SEXUAL:
EL CUERPO QUE INTERACTA

Resumo: Atualmente, há basicamente três termos mais comuns usados para descrever âmbitos da sexualidade humana, que dão origem aos outros: identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico. A proposta deste artigo é a de que a identidade de gênero possa ser dividida ainda em duas identidades distintas: a identidade (de gênero) social e a identidade (de gênero) erótico-sexual. A identidade de gênero social estaria mais ligada, como o nome diz, às relações no âmbito social, tal como a laboral, política e familiar, podendo incluir a amorosa, e, em geral, se relaciona com a expressão de gênero que é praticada socialmente, ou seja, compõe a performatividade de gênero. A identidade (de gênero) erótico-sexual teria a ver com a identidade do indivíduo durante o ato sexual, em uma relação específica, em geral privativa, de modo que essa identidade pode ser fixa ou mudar conforme o parceiro ou momento de vida da pessoa. Sendo possivelmente flexível – tanto quanto a identidade de gênero social também pode –, a identidade erótico-sexual pode se expressar, por exemplo, através de zonas erógenas que variam conforme a relação que nasce no encontro com o outro e maneirismos, pode ser expressa através de apetrechos e acessórios que serão usados e que ajudem essa identificação a se manifestar, tais como como *lingeries* e *dildos*, que compõem a performatividade erótico-sexual. Algumas abordagens reduziram essa identificação erótico-sexual a um fetiche, e não a uma identidade, ao que proponho, então, que essa classificação de fetiche só fará sentido se também passarmos a considerar a identidade de gênero um fetiche (do português “feitiço”, do latim “fictício”).

Palavras-chave: Performatividade de gênero. Identidade de gênero. Expressão de gênero. Fetiche. Identidade erótico-sexual.

Abstract: Currently, there are basically three most common terms used to describe areas of human sexuality that give rise to others: gender identity, sexual orientation and biological sex. The purpose of this article is that gender identity can be further divided into two distinct identities: social (gender) identity and erotic-sexual (gender) identity. Social gender identity, as the name says, is linked to social relations and it is related, for example, to the labor, political and family relationship, and may include the loving relationship, and, in general, it's related with the expression of gender that is showed, composing so the performativity of gender. The erotic-sexual (gender) identity would have to do with the identity of the individual during the sexual act, in a specific, usually private relationship, so that this identity may be fixed or change depending on the person's partner or moment of life. Being possible flexible – as the social identity can also be –, the erotic-sexual identity can be expressed, for example, through erogenous zones that vary according to the relationship that emerges in the encounter with the other and mannerisms, can be expressed itself through accoutrements and accessories that help this identification to manifest itself, as *lingeries* and *dildos*, which composes the erotic-sexual performativity. Some approaches would reduce this erotic-sexual identification to a fetish rather than an identity, to which I propose then that this classification of fetish will only make sense if we also consider the gender identity as a fetish (from the Portuguese “spell”, from the Latin “fictitious”).

Keywords: Gender performativity. Gender identity. Gender expression. Fetish. Erotic-sexual identity.

¹ Médica psiquiatra, pós-graduada em Terapia Sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), mestranda em educação no tema da transexualidade, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Sorocaba, associada da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) e da Associação Mundial de Saúde Trans (WPATH). E-mail: slsonetti@gmail.com

Resumen: Actualmente hay básicamente tres términos más comunes utilizados popularmente para describir los ámbitos de la sexualidad, que da origen a los demás: identidad de género, orientación sexual y sexo biológico. La propuesta de este artículo es que la identidad de género se puede dividir en dos identidades distintas: la identidad (de género) social y la identidad (de género) erótica-sexual. La identidad de género social sería más vinculada, como su nombre lo dice, a las relaciones en la esfera social, como el trabajo, la política, familia y puede incluir el amor y en general está relacionada con la expresión de género que se practica socialmente, es decir, que compone la performatividad del género. La identidad de género erótica-sexual tendría que ver con la identidad del individuo durante el acto sexual, en una relación específica, generalmente privada, de modo que esta la identidad puede ser fija o cambiar según la pareja o el momento de la vida de la persona. Posiblemente sea flexible (tanto como la identidad social de género también puede), la identidad erótica-sexual se puede expresar, por ejemplo, a través de zonas erógenas que varían según la relación que nace en el encuentro con el otro y los manierismos, se puede expresar a través de la parafernalia y accesorios que se utilizarán y que ayudan a que se manifieste esta identificación, como los lencería, los consoladores, que conforman la performatividad erótica-sexual. Algunos enfoques reducirían esta identificación erótica-sexual a un fetiche en lugar de a una Identidad, a la que luego propongo que esta clasificación de fetiche solo tendrá sentido si nosotros considerar la Identidad de Género como un fetiche (del portugués, hechizo, del latín, ficticio).

Palabras clave: Performatividad de género. Identidad de género. Expresión de Género. Identidad erótica-sexual.

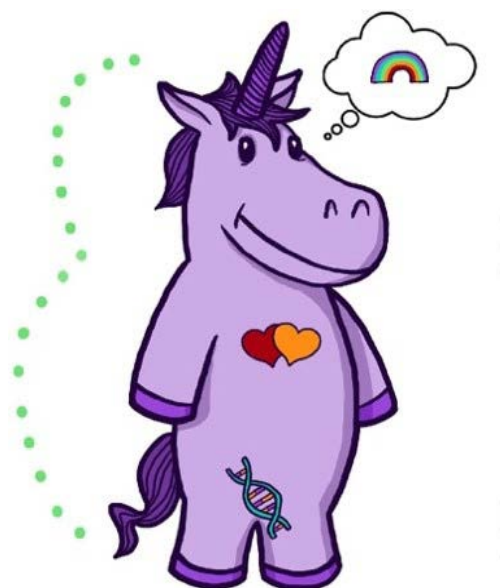
Introdução

Atualmente, dividem-se as análises da sexualidade em principais três eixos de interação: a identidade de gênero, a orientação sexual e o sexo biológico. Anexos a esses termos, aparecem outros, como “expressão de gênero” e “papel de gênero”. Representados popularmente pelo “biscoito da sexualidade”² ou variações deste, como o “unicórnio da sexualidade”, esses termos são os mais vastamente usados como parte do vocabulário popular e acadêmico para discorrer sobre temas da sexualidade humana.

Figura 1 – Biscoito da sexualidade (genderbread)



Figura 2 – Unicórnio de gênero (gender unicorn).



Vale lembrar que essas divisões em “compartimentos” da maioria dos comportamentos e funcionamentos humanos são meramente didáticas, uma vez que todas elas são sobrepostas e dinâmicas, sem limites ou separações de fato. Essas definições compõem um vocabulário com a função de inteligibilidade, sem o qual algumas diferenças e semelhanças entre os modos de funcionar seriam impossibilitadas de serem comunicadas. A mesma observação é válida quanto à definição dos grupos políticos e sociais que se formam a partir desse vocabulário, como a própria sigla que engloba Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexos, Assexuais e

² Termos que nasceram dos grupos queer e trans para explicar diferentes aspectos da sexualidade e gênero, sem uma autoria específica, fato explicado pelo “Trans Student Educational Resources”, disponível em: <http://www.transstudent.org/gender/>.

outros (LGBTIA+), discussão que será aprofundada no desenvolvimento deste artigo. Feito esse adendo de que a separação e definição dos termos representados nas Figuras 1 e 2 são artificiais, porém têm a sua importância, seguem os significados dos mesmos (JESUS, 2012).

A identidade de gênero é representada pelo cérebro, por ser como a pessoa se identifica, se percebe, como é ou está perante as suas relações sociais. Ela tem a ver com a autopercepção do indivíduo. Logo, ela, em geral, guia a expressão de gênero, que é como o indivíduo comunica ao mundo o que sente, através de vestimentas, acessórios e comportamentos lidos pela sociedade como femininos, masculinos ou outros termos.

A orientação sexual é representada pelo coração, pois diz respeito a “por quem” aquela pessoa se atrai, naquele momento da observação. Se for por alguém com a mesma identidade de gênero, será considerado homossexual; pela oposta, heterossexual; por ambas, bissexual; por nenhuma, assexual; entre outras definições possíveis. No desenho do unicórnio, a orientação ainda é dividida em duas: atração sexual (erótica) e atração emocional (romântica).

O sexo biológico é representado pelo órgão genital, dizendo respeito à característica daquele corpo, que pode ainda ser representado pelo sistema genético majoritário que representa aquele sexo biológico, como XX, XY ou outro.

A expressão de gênero é representada pela linha pontilhada em torno do desenho e aponta a forma como o indivíduo se apresenta, composta pela sua aparência, vestimentas, acessórios e comportamentos, de acordo com expectativas sociais de um determinado gênero. Ela varia conforme a cultura em que a pessoa vive.

E, finalmente, o papel de gênero diz respeito ao modo de agir em determinadas situações, conforme o gênero atribuído ou designado, que, em geral, é ensinado às pessoas desde o nascimento, havendo diferenças para homens e mulheres. Esse item não consta nas figuras, mas vale ser mencionado. Porém, essas divisões não contemplam uma parte importante do funcionamento afetivo-sexual, que é o gênero com o qual o indivíduo se identifica durante o ato sexual, dando a entender que, se uma pessoa se identifica com determinado gênero socialmente, necessariamente se identificará com o mesmo

no encontro afetivo-sexual. A prática clínica e relatos literários mostram que não é apenas essa a possibilidade “congruente” a existente. Muitas pessoas socialmente reconhecidas sendo de um gênero vivem, em outros momentos, a expressão de uma outra identidade também existente, seja ainda no âmbito social, como no caso de *cross-dressers*,³ seja no âmbito erótico-sexual, como relações chamadas de “inversão” e diversas outras que não recebem necessariamente um nome, mas existem.

Por isso, neste artigo, vamos refletir que, diante das possibilidades múltiplas de vivência da identidade de gênero, ainda faltam termos para referir-se a elas.

A importância para justificativar a conscientização de que a identidade de gênero vivenciada no momento erótico-sexual pode diferir da identidade de gênero social ser importante se dá ao percebermos que, inconscientemente, há sempre uma busca e mesmo cobrança para que haja uma “congruência” em ambas as identificações. Essa cobrança pode gerar conflitos internos ou mesmo entre o casal/pessoas que se relacionam, colocando em xeque, por exemplo, a orientação sexual do parceiro, havendo um sentimento de traição ou mentira ao se “descobrir” que, na vida íntima, a pessoa se identifica com outro gênero do que o apresentado socialmente. Falar sobre isso e deixar mais naturalizada essa possibilidade ajuda o senso comum a assimilar as possibilidades de combinação de formas de ser que são possíveis e igualmente saudáveis, além de diminuir a distância entre o que é uma pessoa do grupo LGBT+ e uma pessoa enquadrada fora da sigla. Pois, por exemplo, um homem que assim se identifica – identidade de gênero masculina – e se expressa socialmente e tem uma vida sexual com identificação total no que consideramos feminino, com uma parceira mulher cis⁴ e heterossexual, pode ter uma vivência erótico-sexual muito próxima ao de uma mulher trans lésbica, por exemplo. É como se, pontualmente, no momento erótico, esse casal cis/heterossexual tivesse uma vivência lésbica, pois, em termos de identificação, expressão e performatividade, no momento íntimo, passam a se considerar duas mulheres, uma vez que ambas as pessoas ali envolvidas se identificam como tal e assim se reconhecem.

Há muitos exemplos e combinações possíveis a serem expostos, que, ao longo do artigo, podem ser ponderados e supostos. O intuito maior, após vermos a variedade

³ Uma das identidades “trans” mais divulgadas mundialmente é a dos(as) *cross-dressers*, indivíduos que compartilham a experiência de se vestirem como alguém do sexo oposto ao de nascimento, sem a reivindicação do pertencimento a ele, sendo significativamente mais comum o *cross-dressing* de homem para mulher (GARCIA, 2010). São, portanto, em geral, homens que se identificam em seu dia a dia com o gênero masculino e possuem também uma performatividade feminina, com características específicas, personalidade e expressão próprias. Em geral, consideram parte da vivência de uma identidade feminina, e não apenas uma performance ou encenação. São homens, em sua maioria, heterossexuais (BULLOUGH; BULLOUGH; SMITH, 1983; DOCTER; FLEMING, 1993; PEO, 1988) que vivem a expressão de gênero feminina em locais específicos para esse fim, como clubes, festas e reuniões fechadas, geralmente acompanhados de suas esposas nessa vivência social.

⁴ Chamamos de cisgênero, ou de cis, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando do nascimento. Denominamos as pessoas não cisgênero, as que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, de transgênero ou trans.

de combinações possíveis entre a identificação, orientação sexual, expressão, papel e performatividade de gênero, é diminuirmos a distância do que é uma pessoa LGBTQ+ e o que não é, mostrando como há semelhanças imensas entre a forma de algumas pessoas cis e trans se relacionarem, ou hétero e homo, por exemplo, e há diferenças significativas possíveis entre pessoas do mesmo grupo, da mesma letra, que atuam de forma completamente diferente uma da outra na vida íntima, com uma combinação de identidade e expressão de gênero “não prevista” em um pensamento linear, que faz com que, no momento erótico-sexual, aquele casal mude de letra da sigla, mude a conformidade preestabelecida em uma primeira análise.

Após este ir e vir de nomes e classificações, ficará claro o quanto o preconceito com qualquer uma dessas possibilidades é injustificável e instável, uma vez que o pilar que ele pode estar se apoiando é móvel, mutável e impermanente.

Identidade e a proposta de um novo termo – identidade (de gênero) erótico-sexual

O conceito de identidade pode ser interpretado de diferentes formas, conforme o autor ou recorte feito e, neste caso, precisaremos estabelecer alguns pontos em comum sobre esse termo para continuarmos a discussão.

Para o psicólogo Ciampa (2007, p. 371), “[...] identidade é o reconhecimento de que é o próprio de quem se trata; é aquilo que prova ser uma pessoa determinada, e não outra”. Descreve ainda que a identidade é diferença e igualdade, já que há aspectos que nos igualam e aspectos que nos diferenciam das outras pessoas. Como exemplo disso, cita o nome próprio: o nome diferencia a pessoa de sua família e o sobrenome a iguala.

Ainda de acordo com Ciampa (1984, 2007), a identidade é consequência das relações que se dão e também das condições dessa relação, pois só se os pais se comportarem como pais que se caracterizará uma relação paterno-filial. É nesse sentido que Ciampa (2007) propõe que a identidade é reposta a cada momento. Assim, ressalta que a identidade não é algo pronto, acabado e atemporal – como considera Erickson, por exemplo, ao propor um “firme senso de identidade” (1968) –, e sim, algo que está em um contínuo processo, em um dar-se constante. “Identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (CIAMPA, 1984, p. 74). Logo, esse conceito pode ser transferido para o entendimento das possíveis variações da identidade de gênero, conforme cada encontro ou momento de vida, que caracteriza as pessoas que se autodenominam gênero-fluido quando questionadas sobre a sua identidade de gênero.

Para o filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman, faz-se necessário primeiramente considerar o contexto histórico-social em que vivemos, denominado por ele de

“modernidade líquida”, para então poder falar sobre identidade. Esse termo é usado no sentido de líquido/fluido, em que nada se mantém da mesma forma por muito tempo, não dando possibilidade à solidez do estado do bem-estar social, da família, das relações de trabalho, dos hábitos e rotinas, entre outras, que havia na sociedade até o século XVIII (BAUMAN, 2001, 2005).

Na atualidade, “uma identidade coesa, firmemente fixada (como Sartre aconselhava) e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade.” (BAUMAN, 2005, p. 60). Torna-se mais sensato portar identidade “como um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento” (BAUMAN, 2005, p. 37). “A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável” (BAUMAN, 2005, p. 91). Esse conceito de identidade líquida pode ser observado no atual fenômeno da identidade de gênero fluida, que diz respeito justamente à possibilidade de variação da identidade de gênero conforme o momento e o encontro que se dá. Porém, o termo se restringe à identidade (de gênero) social e subentende-se que ela será mantida no campo erótico-sexual, passando a ideia de que apenas quem tem uma identidade de gênero fluida terá uma identidade fluida também no âmbito erótico-sexual. E não necessariamente ocorre dessa forma, pois uma pessoa que tenha a identidade de gênero (social) constante pode viver diferentes identidades (de gênero) erótico-sexuais.

Complementando novamente com o que diz Ciampa, possuímos várias identidades – por exemplo: pai e ao mesmo tempo filho – que são utilizadas separadamente, em diferentes momentos. Podemos entender, nesse contexto de identificação de gênero, que a identidade pode variar conforme a parceria que se faz, com manifestações de parte da unidade, mas todas essas possibilidades compõem a mesma pessoa, que é uma totalidade. “Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto una.” (CIAMPA, 1984, p. 61).

Papel/expressão de gênero como resultados da identidade

As expressões “identidade”, “papel e “expressão” de gênero, usadas recorrentemente na atualidade e citadas por Jaqueline de Jesus em seu guia de *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos* (2012), definem uma situação, mas não delimitam tempo, local ou condição, o que é natural, uma vez que define o que é a expressão por si só, sem estar relacionada a uma pessoa ou momento específico. Porém, não podemos esquecer que o fato de variações e nuances dentro dessas definições não serem ditas não quer dizer que não existam. As definições são genéricas e conforme o aprofundamento da reflexão e discussão, pedem novos adjetivos e complementos para expressar com maior proximidade o que se deseja.

Ciampa diz que a generalidade do papel ou da representação de uma identidade pressuposta é encarada apenas como parte de um processo muito mais complexo, que envolve sua objetivação através da representação idiossincrática dos personagens. Cada ator social apresenta um modo diferente de representar o papel com suas características próprias, seu toque pessoal, e atribuindo adjetivos singulares aos personagens, que são edificadas através da ação dos sujeitos (CIAMPA, 1987). Então, podemos lembrar que, se um sujeito se identifica com o gênero feminino, poderá expressar essa identidade com elementos diferentes do que outro indivíduo que se identifique da mesma forma, conforme a cultura ou mesmo a percepção individual do que é considerado feminino. E ainda dentro dessas diferenças possíveis dentro da mesma identidade/expressão e papel de gênero considerados – no exemplo, feminina –, pode não haver uma mesmice da identidade considerada, no mesmo indivíduo, em momentos e encontros diferentes.

A mesmice passa pela repetição cega aos ideais de autonomia, sob a qual o sujeito torna-se encarcerado, preso ao personagem que criou, seja em função de interesses pessoais, comodismo ou pressões externas (ALMEIDA, 2005). Assim, a condição de mesmice como fetiche nos remete à conformação de identidades convencionais e, por consequência, à negação das identidades metamorfose como possibilidades emancipatórias, ou seja, identidades que revelam não só a simples mudança de aparência, mas um potencial crítico de transformação da realidade, de acordo com Ciampa (1987).

Sendo assim, podemos observar alguns grupos que saíram dessa “mesmice” em relação à identidade de gênero, apesar de ainda estarem “engessados” em duas identidades distintas, como os *cross-dressers*, que relatam ter duas vivências de identidade, uma masculina e uma feminina, de forma que não desejam fazer uma transição permanente da expressão de gênero, como muitos transgêneros, mas que realmente se identificam com o masculino e o feminino, precisando viver ambas as expressões de forma cindida, definida. Não é porque antes não existiam os grupos com esse nome no Brasil, com nome emprestado americano – *cross-dresser* (vestimenta cruzada) –, que essa situação não existia e era vivenciada pelos indivíduos. O mesmo acontece atualmente com a identidade erótico-sexual, termo que proponho neste artigo. Muitas pessoas vivem uma identidade de gênero socialmente e se identificam com o outro gênero em algumas ou em todas as parcerias erótico-sexuais.

Exemplo disso são casais heterossexuais que só conseguem ter relação se colocando no papel oposto do que usualmente se apresentam no meio social, popularmente chamado de “inversão”. É a situação em que, em geral, o homem ocupa um papel considerado mais feminino, podendo usar *lingeries* e outros acessórios, e a

mulher ocupa uma posição considerada mais masculina, podendo usar uma cinta peniana ou outros apetrechos.

Uma pesquisa realizada com mais de 4 mil usuários da rede social Sexlog (2017) revelou que 43% dos participantes já praticaram a inversão e 54% têm vontade de experimentar. Apenas 3% dos participantes não demonstram interesse.

Em geral, essa vivência é considerada um fetiche, porém, para os casos em que há repetição dessa necessidade para haver a satisfação plena do ato sexual, esse termo deve ser revisto. Por que não considerar esse “sentir-se de tal gênero no momento sexual” uma identidade? Uma identidade erótico-sexual.

Binarismo ou não binarismo? Eis a questão

A diferença sexual conjuga vários aspectos, desde biológicos a sociais, que, uma vez delimitados, reduzem as pessoas a duas categorias políticas: mulher e homem. Apesar de estas categorias não serem naturalmente estanques, a maioria das sociedades pretere a diversidade – tomada como deformação – em favor de um sistema sexual binário (SANTOS, 2013, p. 3).

Nossa sociedade tem o padrão de aumentar as já existentes diferenças biológicas entre homens e mulheres, como, por exemplo, a exigência estética para que as mulheres, que, em geral, já possuem menos pelos em relação aos homens, retirem os, eventuais ou muitos, pelos que tiverem, para marcar mais ainda a diferença biológica comumente existentes. Lembrando que esse padrão remete ainda a uma infantilização da mulher, uma vez que é normal para um adulto possuir pelos sobre o corpo.

O padrão estético ainda incita as mulheres a aumentarem medidas que reforcem o gênero feminino, como mamas, curvas etc., além de criar infinitas outras diferenças que não passam pelo biológico e acabam tendo intenções políticas, hierárquicas, sexuais e organizacionais, como as normas de vestimentas, acessórios, comportamentos e cargos sociais. “A diferença sexual e a aparente verdade anatômica servem apenas para legitimar a organização política e perpetuar as relações de poder.” (PRECIADO, 2008).

Porém, a mente humana é complexa e dinâmica, tendo a possibilidade de ter identificações múltiplas, que não cabem em apenas duas opções de combinações de elementos – homem e mulher. E ainda o corpo, sendo mais concreto e previsível, também não cumpre em todos os casos apenas duas opções de combinações dos órgãos sexuais, como é o caso das pessoas intersexo.

Porém, a forma como a sociedade lida com a pessoa intersexo já mostra essa obsessão para que a pessoa assuma um formato que se encaixe no que foi chamado de “homem ou mulher”, de forma a querer “resolver” logo o problema da pessoa e defini-la cirurgicamente o mais

próximo possível a um desses dois gênero construídos (DREGER, 2003; FAUSTO-STERLING, 2000). O problema é que essa cirurgia é feita em idade precoce e nem sempre os cirurgiões acertam em deixar a genitália próxima à identidade que aquele indivíduo terá quando tiver a possibilidade de perceber-se. Ou seja, uma ação que se diz urgente para evitar maiores sofrimentos à pessoa é exatamente o que pode gerar sofrimento, podendo acarretar sérios problemas psicológicos (DREGER, 1998).

Esse é um exemplo concreto, mas que representa diversos comportamentos normatizadores sociais que se repetem, atropelando o indivíduo como ser que possa criar a sua própria expressão e participar da construção do seu gênero ou não gênero – caso não se encaixe nas duas opções “oferecidas” atualmente. Esse fator impositivo da sociedade e, mais especificamente, do Estado na expressão sexual das pessoas, que gera um controle de vida dos indivíduos, é chamado por Foucault de “biopoder” no livro *A história da sexualidade I* (1996). O biopoder, segundo explica Foucault (1996), seria uma tecnologia bipolar que começa a ser desenvolvida no século XII e possui um polo que foca em uma anátomo-política do corpo humano, buscando maximizar suas forças, e outro polo que foca em controles reguladores gerais, uma biopolítica da população, entendendo o corpo como parte de mecanismos da vida, como natalidade, fecundidade, morbidade, longevidade, mortalidade etc.

E especialmente o controle sexual da população quanto ao gênero se iniciou a partir do século XVII, época em que a ciência passou a considerar as categorias “masculina” e “feminina” como sexos biológicos opostos e incomensuráveis (LAQUEUR, 2001). Até então, predominava a visão de Galeno e Aristóteles de que a mulher é um homem invertido e, portanto, menos perfeito.

A partir do século XIX, iniciam-se as lutas pela conquista dos espaços públicos e movimentos feministas, que começam a questionar o lugar político reservado a homens e mulheres, com base na “natureza”, mas que nada tinham a ver com a biologia.

Portanto, podemos entender que muito do que chamamos de homem e mulher é uma construção social, resultado de tensões e interesses de poder, o que não significa que não haja diferenças biológicas entre o macho e a fêmea e ainda outras variações destes que também podem ser saudáveis.

Podemos, então, questionar todas as outras variáveis em relação ao gênero, como o fator da transexualidade, pois, uma vez que entendamos que não existe espontaneamente os gêneros “masculino” e “feminino” da forma como a sociedade atual concebe, não existirá uma pessoa que se identifique com o outro gênero diferente do que o que lhe foi atribuído pelo sexo biológico, sem esta estar já vinculada e moldada a essa conformidade social. Ou seja, uma pessoa transexual, ao contrário do

que muitos conservadores podem dizer, não é alguém que rompe com as normas da sociedade, e sim alguém que as entendeu e assimilou muito bem, tomando para si que só há duas opções a seguir e que uma delas diz mais a respeito de sua identidade do que a outra que lhe foi atribuída.

É nesta discussão que aparecem as pessoas não binárias, pessoas que misturam elementos que são reservados ao “gênero feminino” com elementos que são reservados ao “gênero masculino”, se tornando ininteligíveis (BUTLER, 2015) a esta sociedade, uma vez que a linguagem da sociedade atual é binária, permitindo apenas uma das categorias: homem ou mulher.

Portanto, uma forma crítica e sensata de questionar esse modelo estabelecido é propor a mescla dos elementos e a “quebra” dessas caixas tão estritamente delimitadas e repetidas automaticamente sem questionamentos, o que perpetua condições favoráveis a um dos gêneros para algumas ocasiões e desfavoráveis ao outro, por exemplo. Não faz bem a nenhum dos dois – “homens ou mulheres” – precisar estar sempre se limitado a um desses gêneros artificialmente construídos, mesmo ao gênero que se sinta privilegiado e assim o seja realmente, pois, para tal, ele precisará estar fixo em apenas uma identidade e manter-se “coerente” ao que se espera dela – expressão de gênero, papel de gênero, orientação sexual etc. Ou seja, ainda é um privilégio condicional.

Por isso, existe a crítica possível a esta proposta de novo termo para explicar a identidade durante o ato sexual, de que essa seja uma forma de binarizar ou ainda de colocar em caixas a identidade, uma vez que usa os termos de identidade erótico-sexual “masculina” ou “feminina”, apesar de poder conter as mesclas também.

Porém, o não falar sobre a possibilidade de o indivíduo performatizar uma identidade erótico-sexual diferente da identidade de gênero social faz cair no automatismo de já subentender, quase como um veredito, que a identidade erótico-sexual segue a identidade de gênero social.

O não falar sobre a possibilidade e naturalidade de haver uma identidade erótico-sexual diferente da identidade e gênero social pode dar margem à patologização de quem expressa essa “divergência”, como no exemplo do transtorno transvéstico ou do transtorno fetichista (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 902-903), ou ainda a interpretação de que um cônjuge seja homossexual, pela parceira, por exemplo, ao descobrir que ele gosta de usar acessórios e posições nas práticas sexuais que são consideradas femininas em nossa cultura. Aumentar o vocabulário sobre isso e diferenciar os padrões de identidade que aparecem no funcionamento sexual dos padrões de identidade que são vividos socialmente se faz importante.

A própria sigla LGBT+ é uma separação feita com base no binarismo, pois a orientação sexual e a identidade

de gênero são baseadas nos mesmos conceitos do “biscoito/unicórnio sexual”. Ela pode ainda ser representada com as separações LGBTQIA, sendo que podemos usar todas essas classificações e outras. Porém, por diversas razões, a separação é uma organização, mesmo que didática, para defesas e representações políticas, vocabulário possível para expressar ou explicar uma condição em determinado tempo e espaço, que facilita a formação de grupos identitários, para reconhecerem a si mesmos e ao outro dentro de alguma definição em comum. Na prática, um mesmo indivíduo pode ser um mosaico de características, que podemos dividir ainda dentro dos moldes binários ou não. E isso não precisa ser um problema apenas: como falamos, há positivities nessa divisão, se esclarecida, ser uma organização escolhida.

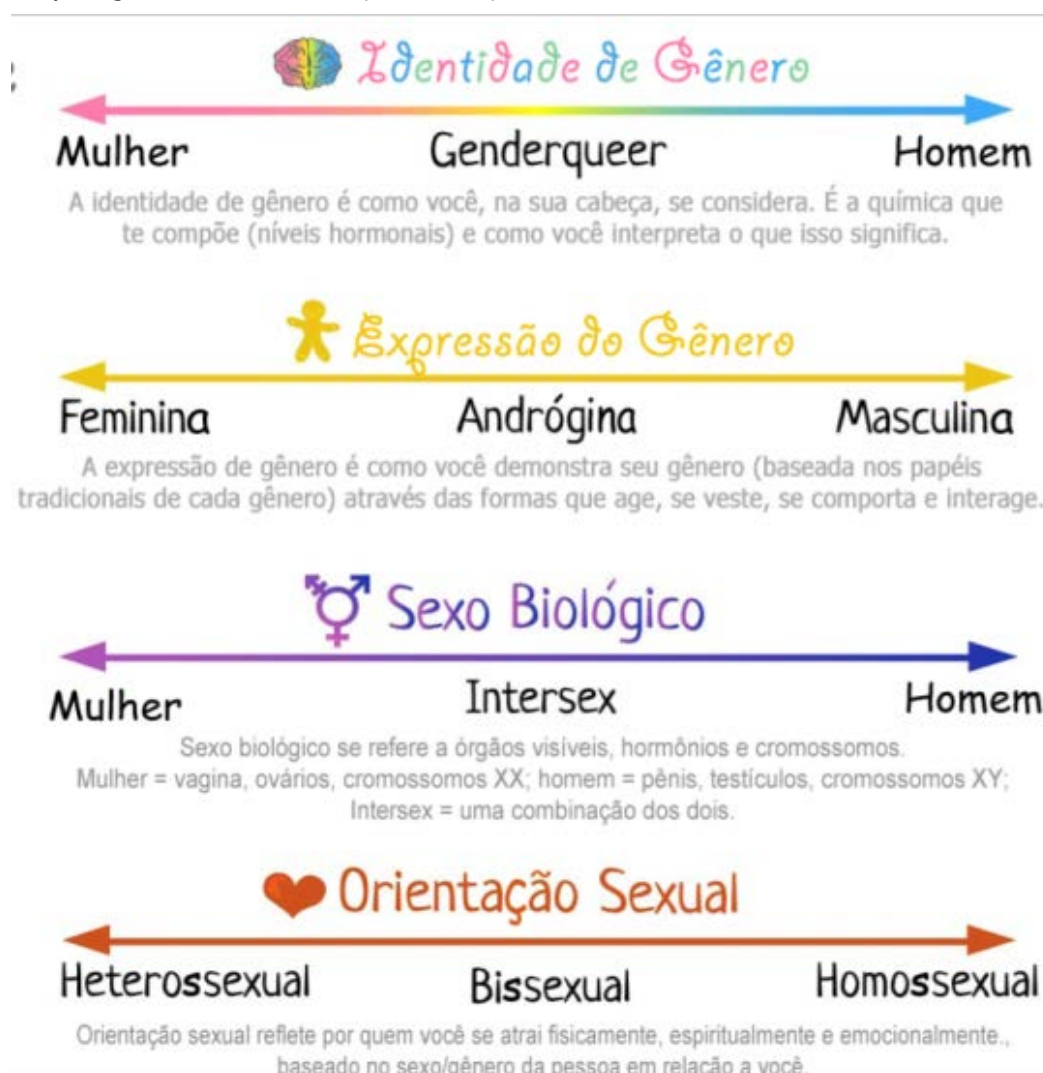
Bauman diz que o processo de adequação a uma identidade não pode separar ou dividir, na mesma medida em que identifica e une. São funções complementares da identidade, que, por vezes, se confundem com aquelas de segregar, isentar e excluir (MADALENA, 2013). E isso explica o paradoxo da divisão da sexualidade em nomes e termos ter o intuito final de união, tanto em um mesmo

indivíduo – como um mosaico dos diversos termos – quanto em coletivos e grupos políticos com iguais características e interesses em comum.

Quanto ao binarismo presente nas expressões do “biscoito/unicórnio sexual”, este existe ao olharmos isoladamente cada item, como uma forma comparativa de uma característica a outra oposta. Porém, há um espectro no meio de cada polo (Figura 3), além de uma pessoa ser composta por uma estrutura multiaxial, de forma que, quando somadas todas essas características gradientes de cada eixo, o resultado final possível é múltiplo e não está restrito a apenas duas possibilidades.

Esses vários padrões de cada eixo do desenho podem ser interpretados em uma visão binária quando analisados individualmente, mas, em sua somatória total, formam um mosaico único para cada pessoa, havendo um desenho resultante da graduação de cada uma daquelas características naquele recorte daquele momento e situação observada. Esse desenho também pode mudar em algum momento ou ter outras interpretações em um mesmo tempo, se outro objeto de atração for considerado. Essa forma etérea molda e é moldada conforme os sentimentos ali presentes.

Figura 3 – Interpretação do biscoito sexual (*sexualbread*)



E, por fim, a própria bandeira do Orgulho Transgênero traz uma linguagem com alusão ao binário em suas cores, com o rosa representando o feminino;

o azul, o masculino; e o branco, algo não binário – que, apesar de trazer o “não”, ainda é um termo que existe em torno do conceito de binarismo.

Figura 4 – Bandeira do Orgulho Transgênero



Sobre a bandeira, sua autora, Mônica Helms, comenta:

Azul para meninos, rosa para meninas, branco para quem está em transição e para quem não se sente pertencente a qualquer gênero. Simboliza que não importa a direção do seu vôo, ele sempre estará correto!

Fetichismo e transtorno transvéstico - parafilias?!

No *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais* (DSM V) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 896), consta no capítulo “Transtornos parafilicos” o diagnóstico de fetichismo e transtorno transvéstico, dentro da seção de “Transtornos psiquiátricos” (“Psychiatric disorders”). Seguem os critérios diagnósticos para os mesmos:

Transtorno fetichista:

- Por um período de pelo menos seis meses, excitação sexual recorrente e intensa a partir de uso de objetos inanimados ou com foco altamente específico em partes do corpo não genitais, manifestada por fantasias, impulsos ou comportamentos.
- As fantasias, impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento ou prejuízo clinicamente significativos.
- Os objetos fetichistas não são limitados a artigos de vestuário usados no *cross-dressing* – como no transtorno transvéstico – ou dispositivos projetados

especificamente para o propósito de estimulação genital tátil, como, por exemplo, vibrador.

Transtorno transvéstico:

- Por um período de pelo menos seis meses, desejo sexual intenso e recorrente em se travestir, manifestado por fantasias, impulsos ou comportamentos.
- As fantasias, os impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento ou prejuízo social, ocupacional ou a outras áreas importantes do funcionamento.

Esses são os dois lugares nos quais a sugerida identidade erótico-sexual deste artigo aparecem, através de outros termos, como sendo uma parafilia. Porém, em ambos, só há o “diagnóstico” se o fato estiver trazendo prejuízo clínico, social, ocupacional ou outro na vida do indivíduo.

Assim, vale observar que a maioria das pessoas transgênero que são heterossexuais após a transição viveram uma fase da vida com identidade homossexual antes de descobrirem-se transgêneras. Portanto, muitos homens trans viveram como mulheres lésbicas, apresentando todo o funcionamento dito como masculino, e manifestaram seus desejos e performatividades sexuais da mesma forma como hoje apresentam, após a transição: através de *dildos*, vestimentas e comportamentos que representem o que estão sentindo. Ora, se após a transição, para a expressão masculina, fica perfeitamente compreensível que um homem trans use um *dildo* como

acessório e parte dele, por que esse mesmo comportamento seria considerado uma parafilia se executado antes da transição, por uma mulher lésbica? E se essa mesma mulher, mesmo consciente de que tem uma identidade erótico-sexual masculina, decidir que não irá fazer a transição social, mas sabe que internamente é essa a sua identidade em algumas de suas relações eróticas (ou todas)? E ainda, se uma mulher heterossexual tiver o desejo de performatizar de forma que chamamos de “masculina” com o seu parceiro, isso seria um transtorno fetichista?

Não seria novamente uma tentativa de congruência, em que o mesmo comportamento é compreensível para um homem trans e considerado como a possibilidade de diagnóstico em uma mulher lésbica? E se, ao contrário, esse homem trans for homossexual e, na verdade, tiver uma identidade social masculina, sendo a sua identidade erótico-sexual feminina? Há tantos casos de homens trans homossexuais que se identificam com o eventualmente postulado “papel passivo/feminino”. Sim, nesses termos, um homem trans pode ter uma identidade erótico sexual-feminina. E muitos irão perguntar: “então, para que transicionou para o masculino?!”. Porque a identidade de

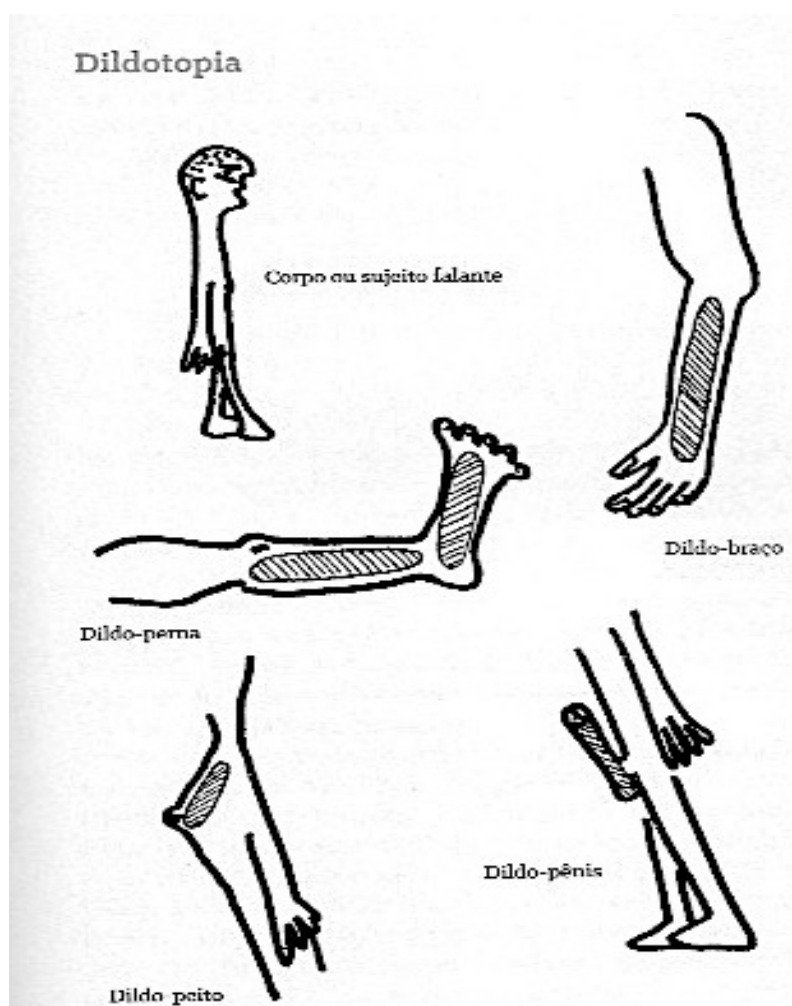
gênero social não precisa ser congruente com a identidade erótico-sexual, que, por sua vez, é diferente de orientação sexual, pois, em duas relações com pessoas do mesmo gênero, a pessoa pode oscilar entre uma identidade erótico-sexual com uma delas e outra com a outra, percebendo nitidamente diferentes formas de sentir e funcionar, polarizado mais para o que chamamos de masculino ou feminino conforme a alquimia daquele encontro sexual.

Aqui, vale resgatar o conceito de *dildo* de Preciado (2015), que rompe essa diferença entre natural versus artificial, que, no caso, é reforçada no critério diagnóstico do DSM V para transtorno fetichista, quando cita “objetos inanimados”, “[...] excitação sexual recorrente e intensa a partir de uso de objetos inanimados [...]”.

Devido às definições médicas e psicológicas que naturalizam o corpo e o sexo – segundo as quais o *dildo* seria um simples “fetiche” –, esta empresa resulta, com frequência, difícil. (PRECIADO, 2014, p. 49).

“Um *dildo* não é um ‘pinto de plástico’, e sim, em que pesem as aparências, um pinto é um *dildo* de carne” (PRECIADO, 2014, p. 19), pois, segundo Preciado, várias partes do corpo podem funcionar como *dildos*.

Figura 5 – Manifesto contrassexual



Fonte: Preciado (2014, p. 51).

Considerações finais

Podemos saber que a construção que temos do que é ser homem e do que é ser mulher é política e que o binarismo é algo a ser questionado e revisto enquanto evolução sociológica.

Porém, uma vez que estamos em um sistema binário, dividido sim em itens que compõem o ser homem e o ser mulher, esse novo termo da identidade erótico-sexual se faz necessário. Do contrário, haverá margem para a patologização de pessoas que incluem itens “do outro gênero” em seu comportamento sexual, como já acontece nos manuais diagnósticos da psiquiatria, como a criação dos comentados transtorno fetichista e transtorno transvéstico.

Se uma pessoa que se identifica social e permanentemente como homem, mesmo nascida em um corpo biologicamente considerado feminino, é dita com identidade de gênero masculina, por que uma pessoa que se identifica erótica e permanentemente como homem, tendo nascido com o corpo biologicamente considerado feminino, será considerada fetichista? – é o que considera o atual DSM V.

E, ainda, se uma pessoa nascer em um corpo biológico considerado feminino e o “se considerar socialmente um homem” tem um nome – identidade de gênero masculina –, por que nascer em um corpo biológico considerado feminino e se considerar o que é chamado de “homem” eroticamente não merece também um nome (identidade de gênero erótico-sexual)? Do contrário, pressupõe-se que alguém que socialmente se identifique com um gênero automaticamente se identificará com o mesmo gênero em seus momentos erótico-sexuais.

Para os que defendem que o momento erótico-sexual é apenas um momento particular, que não precisa ter uma identidade nomeada, mesmo que seja permanente e diferente da identidade de gênero social vivida, considerando-a apenas um fetiche, sugiro que a identidade de gênero também seja considerada um fetiche.⁵ Aí as coisas começarão a fazer sentido, já que a origem primária da palavra “fetiche” vem do latim “fictício”, palavra a qual Butler usou para definir o sistema sexo-gênero:

Se o gênero é a construção social do sexo e se não existe nenhum acesso a esse ‘sexo’ exceto por meio de sua construção, então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo gênero, mas que o ‘sexo’ torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em um local pré-lingüístico ao qual não existe nenhum acesso direto. (BUTLER, 2000, p. 158).

Podemos concluir que há múltiplas formas saudáveis de exercer as sexualidades e as expressões da identidade de gênero, seja em âmbito social, seja erótico-sexual, de forma que muitas delas não se enquadrarão em moldes binários já dados, sendo possível existir para além disso, apesar disso e ao invés disso.

Em uma entrevista ao *La Vanguardia* (AMELA, 2008), quando interrogado sobre a sua identidade ser de homem ou de mulher, Preciado responde: “Essa pergunta reflete uma ansiosa obsessão ocidental [...], a de querer reduzir a verdade do sexo a um binômio”.

Logo, não há sentido em patologizar o que saia do binário, chamando algum comportamento de “transtorno” transvéstico ou fetichista, uma vez que há diferentes formas saudáveis de viver elementos múltiplos.

Se precisamos de novos rótulos e nomes, são para representar essas múltiplas possibilidades saudáveis, simples para alguns e complexas para outros, que temos de exercer a nossa sexualidade.

A identidade erótico-sexual já é algo que se mostra e existe, mas não tem – não tinha – um nome para contemplá-la. Ela merece um espaço e reconhecimento de sua importância, para que outras palavras (patologizadoras) não sejam criadas em cima de comportamentos completamente possíveis e naturais.

As diferenças fazem parte da complexidade humana e, conforme juntarmos as palavras como peças para nos descrevermos, veremos o quanto podemos ser parecidos, o quanto as mesmas palavras são usadas para explicar pessoas que até então podíamos ver como tão diferentes de nós. Teremos sempre o potencial para ser algo diferente, para nos construir, desconstruir e reconstruir conforme a necessidade e possibilidade do momento.

Isso de ser exatamente o que se é, ainda vai nos levar além.

Paulo Leminski

Referências

ALMEIDA, J. A. M. *Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM)*. 5th ed. Washington, DC, 2013.

AMELA, V. Entrevista com Beatriz Preciado, filósofa transgênero e pansexual. *La Vanguardia*, 1 abr. 2008. Disponível em: <http://www.sigla.org.ar/index>.

⁵ Fetiche: do francês “fétiche”, que, por sua vez, vem do português “feitiço”, e este, do latim “facticius”, “artificial, fictício”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/fetiche/>

php?option=com_content&view=article&catid=8:conteúdo&id=302:precado&Itemid=136.

Acesso em: 15 dez. 2018.

BALIEIRO, F. F.; RISK, E. N. *Diferenças na Educação: outros aprendizados*. organizadores: Richard Miskolci, Jorge Leite Júnior. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BULLOUGH, B.; BULLOUGH, V.; SMITH, R. A comparative study of male transvestites, male to female transsexuals, and male homosexuals. *Journal of Sex Research*, v. 19, n. 3, p. 38-257, Aug. 1983.

BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* Judith Butler. Tradução, Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

BUTLER, J. P. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CIAMPA, A. da C. *Identidade*. In: CODO, W.; LANE, S. T. M. (org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

CIAMPA, A. da C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DINIZ, T. C. *Inversão de papéis no sexo: pessoas que curtem contam suas experiências...* São Paulo, 2017. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimasnoticias/entretenimento/2017/10/24/inversao-de-papeis-na-cama-eles-contam-porque-aderiram-a-pratica.htm>

DOCTER, R; FLEMING, J. S. Dimensions of transvestism and transsexualism: The validation and factorial structure of the crossgender questionnaire. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, v. 5, n. 4, p. 15-38, 1993.

DREGER, A. 'Ambiguous Sex' or Ambivalent Medicine?. *The Hastings Center Report*, v. 28, n. 3, p. 24-35, maio/junho, 1998. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=872328&site=ehost-live&scope=site>. Acesso em: 13 fev. 2013.

DREGER, A. *Hermaphrodites and the Medical Invention of Sex*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

ERICKSON, E. *Identity, Youth and Crisis*. New York: Norton&Company, 1968.

FAUSTO-STERLING, A. The Five Sexes: Why Male and Female Are Not Enough. *The Sciences*, p. 20-24, mar./abr. 1993. Disponível em: <http://capone.mtsu.edu/phollowa/5sexes.html>. Acesso em: 13 fev. 2013.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I - A vontade de saber*. Tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Relógio D'água, 1994.

GARCIA, M. R. V. "De Sapos e Princesas": A construção de uma Identidade trans em um clube para Crossdressers. *Sexualidade, Salud y Sociedad, Revista Latinoamericana*, n. 4, p. 80-104, 2010.

JESUS, J. G. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012.

LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MADALENA, J. Resenha a "Identidade", de Zygmunt Bauman. *Civilistica.com*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 4, out./dez. 2013. Disponível em: <http://civilistica.com/resenha-a-identidade-de-zygmunt-bauman/>. Acesso em: 25 ago. 2018.

PEO, R. E. "Transvestism". *Journal of Social Work and Human Sexuality*, v. 7, p. 57-75, 1988.

PRECIADO, B. *Testo Yonqui*. Madrid: Ed. Espasa, 2008.

PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: Ed. NI, 2014.

TRANS STUDENT EDUCATIONAL RESOURCES. Disponível em: <http://www.transstudent.org/gender/>